

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

**ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO COM
IDOSOS DA IRLANDA**

ELAINE APARECIDA DA SILVA

Mariana
Novembro – 2016

ELAINE APARECIDA DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO COM
IDOSOS DA IRLANDA**

Monografia apresentada ao curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração, sob orientação do professor Me. David Silva Franco.

Mariana

Novembro- 2016

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.ufop.br

S586a Silva, Elaine Aparecida da
Alfabetização Financeira [recurso eletrônico] : Reflexões
a partir de um estudo com idosos na Irlanda / Elaine
Aparecida da Silva.-Mariana, MG, 2017.
1 CD-ROM; (4 3/4 pol.)

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas. Departamento de Ciências Administrativas

1. Educação financeira - Teses. 2. MEM. 3. Idosos
- Teses. 4. Monografia. I.Franco, David Silva. II.Universidade
Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas - Departamento de Ciências Administrativas.
III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 658.15
: 15
: 1418177

ELAINE APARECIDA DA SILVA

Monografia apresentada junto ao Curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, como requisito à obtenção do Título de Bacharel.

Orientador: Professor Me. David Silva Franco

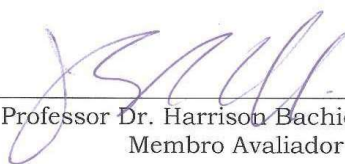
COMISSÃO EXAMINADORA



Professor Me. David Silva Franco
Orientador e Presidente da Banca



Professora Sandra de Sousa Xavier
Membro Avaliador



Professor Dr. Harrison Bachion Ceribeli
Membro Avaliador

Mariana, 09 de novembro de 2016.

RESUMO

A alfabetização financeira pode ser compreendida como a junção de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamentos que o indivíduo necessita para tomar decisões financeiras, de forma que atinja um patamar satisfatório de bem-estar financeiro. Entende-se que o conceito de alfabetização financeira vai além da definição de educação financeira, visto que este geralmente foca no nível do conhecimento, sendo dada pouca atenção às decisões financeiras efetivamente adotadas pelos públicos pesquisados. Nesse estudo, foi analisada uma amostra de 110 idosos que vivem em Dublin, na Irlanda. A coleta de dados foi realizada em duas regiões específicas da cidade: um bairro de classe média alta e a região central. Os dados foram submetidos a uma análise descritiva quantitativa, possibilitando interpretações a partir dos percentuais de respostas auferidos. Foram avaliados os fatores “atitude”, “comportamento” e “conhecimento financeiro” dos idosos. Os resultados apontaram que à medida que as questões apresentadas exigiam maior conhecimento, as respostas tornavam-se mais insatisfatórias. A pesquisa apontou, tal como outros estudos demonstraram anteriormente, que o nível de educação financeira das pessoas idosas tende a ser baixo.

Palavras-chave: Educação financeira; Alfabetização Financeira; Idosos.

ABSTRACT

Financial literacy can be understood as the combination of awareness, knowledge, skill, attitude and behaviors that the individual needs to make financial decisions, in order to reach a satisfactory level of financial well-being. It is understood that the concept of financial literacy goes beyond the definition of financial education, as this usually focuses on the level of knowledge and little attention is given to the financial decisions effectively adopted by the surveyed public. In this study, it was analyzed a sample of 110 elderly living in Dublin, Ireland. Data collection was conducted in two specific areas of the city: a middle-class neighborhood and the central region. The data were submitted to a quantitative descriptive analysis, allowing interpretations from the percentage of responses received. It were evaluated the factors "attitude", "behavior" and "financial knowledge" of the elderly. The results showed that as the issues presented demanded greater knowledge, the answers became more unsatisfactory. The survey showed, as other studies have shown previously that the level of financial education of the elderly tends to be low.

Keywords: Financial Education; Financial Literacy; Elderly.

1. INTRODUÇÃO

A educação financeira é uma temática que vem sendo estudada e abordada sob vertentes variadas e com foco em populações diversas, visto que a forma como o indivíduo gerencia seu dinheiro determina como serão suas decisões de investimento, pagamento, endividamento e aposentadoria. Estudos realizados por Kiyosaki (2000) apontaram que uma adequada educação financeira tende a proporcionar às pessoas um padrão de vida satisfatório e a possibilitar a perpetuação deste padrão ao longo dos diferentes estágios de vida. Pode-se acrescentar, a partir das pontuações de Clark (2004), que quanto mais prematuramente o indivíduo desenvolver habilidades no trato com o dinheiro, maiores as suas chances de apresentar melhor assertividade na vida financeira.

É crescente o interesse dos pesquisadores em compreender sobre as decisões financeiras de grupos diversificados (estudantes, trabalhadores, aposentados), bem como a influência da realidade sócio-econômico-cultural sobre o posicionamento dessas populações de regiões geográficas de todo o mundo. D'Aquino (2008) identificou em suas pesquisas que existem falhas no processo de educação financeira das pessoas e, por isso, elas não compreendem que as decisões pessoais cotidianas afetam diretamente as decisões substanciais quanto ao uso do dinheiro. Em acréscimo, Kiyosaki e Lechter (2001) demonstraram que, com aumento da renda, o nível de endividamento também tende a aumentar, visto que há deficiências na instrução financeira do indivíduo.

Nos estudos de Holzmann e Miralles (2005), foi possível identificar que o nível de educação financeira é superior nos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, assim como em alguns países da América Latina e da Europa Central e Oriental, visto que esses países investiram em reformas de ordem previdenciária. Ainda assim, Lusardi e Mitchell (2007) puderam observar que, mesmo nesses países, os indivíduos também apresentaram deficiências na adoção e gestão do planejamento financeiro.

A Irlanda, país que representa o cenário sócio-espacial da amostra de sujeitos abordados nessa pesquisa, está localizada a noroeste da Europa continental e é considerada um país desenvolvido, estando na décima primeira colocação no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do mundo, de acordo com Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2015) – órgão da Organização das Nações Unidas (ONU). De acordo com levantamento da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD,

2015), a expectativa de vida da população é de 81 anos (PNUD,2015), o que se constitui como um dos indícios da boa qualidade de vida da população local.

Para a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – OCDE (2015), a educação financeira é a forma como os investidores entendem acerca dos conceitos financeiros, permitindo assim identificar as melhores alternativas a serem adotadas diante dos variados riscos e oportunidades. Além disso, a adoção de mecanismos de educação financeira possibilita ao indivíduo desfrutar de uma vida financeira estruturada e bem controlada, o que pode indicar, inclusive, menor propensão ao estresse e depressão (DOMINGOS, 2003).

Em acréscimo ao conceito de educação financeira, crescentemente estudiosos vêm debatendo sobre a concepção de alfabetização financeira, pois a compreensão dessas duas ideias favorece que as pessoas possam aliar teoria e prática referentes aos diversos elementos do mercado financeiro, para um processo de tomada de decisões mais efetivo. Huston (2010) afirma em seus estudos que a alfabetização financeira engloba o conhecimento, bem como a aplicação deste em decisões tomadas com autoconfiança.

Percebe-se que a maioria das pesquisas acerca do tema buscam entender o comportamento financeiro da população economicamente ativa, privilegiando jovens e adultos, já que os hábitos praticados durante a vida irão refletir significativamente no padrão de vida e aposentadoria – após os 50 anos. Agarwal *et al* (2009) observaram que os maiores níveis de alfabetização financeira são encontrados nos grupos que estão na faixa etária entre 30 e 40 anos. Em contrapartida, Atkinson e Messy (2012) notaram em seus estudos que a alfabetização financeira tende a ser menor em jovens e idosos, que são consideradas as faixas etárias mais vulneráveis. Nesse sentido, públicos como os de idosos demandam maior atenção dos pesquisadores, no intuito de compreender suas reais necessidades de alfabetização financeira, possibilitando melhor atuação dos órgãos competentes que estejam interessados em atuar nessa temática.

Com base na contextualização apresentada, definiu-se o problema desta pesquisa: como se manifesta a alfabetização financeira em dois públicos de idosos (faixa etária superior a 60 anos) residentes na Irlanda? Baseando-se no problema definido, foi estabelecido como objetivo de pesquisa: descrever e analisar as percepções relacionadas à alfabetização financeira de dois públicos de idosos que vivem em regiões distintas na Irlanda, regiões nas quais se notam significativas diferenças socioeconômicas entre os públicos residentes.

A relevância dessa pesquisa pode ser justificada pela importância em identificar e entender o comportamento financeiro dos indivíduos idosos, os quais, de acordo com alguns

estudos realizados, possuem menor nível de alfabetização financeira. Além disso, há poucas pesquisas envolvendo população idosa no que se refere a finanças, e esse grupo é mais vulnerável a golpes relativos a créditos, visto que possuem pouco conhecimento e acabam sendo vítimas fáceis.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, buscou-se discutir teoricamente os aspectos recorrentes nos estudos sobre alfabetização financeira, possibilitando, assim, melhor compreensão da investigação empírica conduzida com idosos da Irlanda.

2.1. Educação financeira

A forma como o indivíduo costumeiramente lida com o dinheiro desde a infância ajuda a definir que decisões serão tomadas na fase adulta, que tipos de riscos serão aceitos, o tipo de ganhos esperados e como serão realizadas as escolhas. Em países de economia desenvolvida, é comum que as crianças aprendam sobre educação financeira na escola. Boas decisões podem assegurar uma vida com menor dificuldade no orçamento doméstico, assim como garantir um bom planejamento para a aposentadoria.

Huston (2010) pontuou que para entender o nível de educação financeira do indivíduo é necessário analisar o ambiente, o comportamento, as decisões de investimento, a realidade socioeconômica, dentre outras variáveis, a fim de se compreender como as mesmas interferem nas decisões tomadas. Reafirmando essa teoria, Fernandes *et al.* (2013), em suas pesquisas sobre o assunto, concluíram que quanto melhor o nível de educação financeira do indivíduo, melhores são as decisões tomadas nesse setor.

A maioria dos estudos acerca do tema definem educação financeira considerando sua manifestação no âmbito conceitual, ou seja, o conhecimento teórico que as populações pesquisadas demonstram ter sobre determinado setor de finanças, com suas variáveis. Por isso, a educação financeira propicia que o indivíduo possa tomar decisões atuando no mercado, pois disponibiliza as informações conceituais necessárias (OECD, 2014).

Nas últimas décadas, os estudos acerca da educação financeira dos indivíduos vêm crescendo, com o objetivo de compreender as variáveis que influenciam no processo decisório financeiro. Atkinson e Messy (2012) pontuam que existe uma relação considerável entre o

conhecimento e o comportamento no campo das finanças. Weinstein (1980) demonstrou em seus estudos que mais de 90% das pessoas acreditam ter habilidades superiores às que de fato possuem para gerir suas finanças, o que frequentemente conduz a gastos superiores à capacidade de pagamento e, assim, ocorre o endividamento.

No mundo capitalista globalizado, a tecnologia avança diariamente, variáveis político-econômicas afetam vários países e o número de produto financeiros, bem como as opções para gerenciá-los, multiplicam-se. Segundo Rogers, Ribeiro e Securato (2007), seria possível reduzir os erros na tomada de decisões de investimento se os investidores aprendessem com os erros e não tornassem a repeti-los. Todavia, a autoconfiança na capacidade de escolha faz com que o investidor por vezes seguidas opte por situações que anteriormente não trouxeram bons resultados, por acreditar num cenário futuro diferente, como, por exemplo, valorização das ações e mudanças no mercado financeiro. Muitos investidores acreditam que suas informações são mais confiáveis que as dos demais, gerando, assim, expectativas falsas quanto aos resultados.

Em momentos de crise econômica, boas decisões na área de finanças são decisivas para que a situação possa ser enfrentada de forma mais amena. Braunstein e Welch (2002), pontuam que a administração inadequada do dinheiro aumenta a vulnerabilidade dos indivíduos às crises financeiras substanciais. Acrescentam ainda que as operações de mercado são mais eficientes quando seus agentes são mais conscientes para realizar suas escolhas financeiras de curto e longo prazo.

Para Bodie e Merlon (2002), cabe ao indivíduo dimensionar quanto deve gastar na sua vida presente e quanto deve poupar para o futuro. Assim, um indivíduo pode estabelecer um objetivo de renda pré-aposentadoria que irá impactar na renda na fase pós-aposentadoria.

2.2. Alfabetização financeira

O conceito de alfabetização financeira é menos difundido, porém não menos importante que o de educação financeira. Pelo contrário, traz uma ideia complementar ao tema, numa junção de conhecimento teórico com habilidades práticas no que se refere a finanças. Para Huston (2010) a alfabetização financeira pode ser entendida como a forma que o indivíduo assimila os conceitos, colocando-os em prática nas decisões financeiras cotidianas.

Huston (2010) afirma que o termo “alfabetização financeira” é costumeiramente utilizado para definir educação financeira ou conhecimento. Porém, há problemas nessa

denominação, tendo em vista que o conceito de alfabetização ultrapassa e complementa a definição de educação financeira. Em acréscimo, ela pontua que o conceito de alfabetização é explicitado pelo nível o conhecimento do indivíduo sobre finanças (educação financeira) e a forma como esse conhecimento é aplicado cotidianamente da gestão das finanças pessoais.

De acordo com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2015), a alfabetização financeira é conceituada como a junção de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamentos que o indivíduo necessita ter para tomar decisões financeiras, de forma que atinja um patamar de bem-estar financeiro.

Percebe-se que o nível de alfabetização financeira possui diversas variáveis no que tange as questões demográficas e socioeconômicas. Estudos de Lusardi e Mitchel (2011) apontam que os níveis de alfabetização financeira, normalmente, são menores nas mulheres quando comparadas aos homens. Uma explicação para tal constatação pode ser apreendida dos estudos de Edwards, Allen e Hayhoe (2007), que demonstrou que os pais costumam ter expectativas diferentes no campo financeiro entre filhos e filhas. A pesquisa demonstrou que são esperados melhores resultados na gestão financeira dos filhos, pois existe a ideia de que as filhas possam ser financeiramente dependentes, ao passo que os homens precisam gerir melhor o dinheiro por questões de inserção e aceitação social. Nesse sentido, percebe-se a importância do contexto social sobre a forma como os indivíduos são financeiramente alfabetizados.

Como se pode pressupor, o analfabetismo financeiro aumenta a probabilidade das pessoas se endividarem. Atkinson e Messy (2012) relatam que existe uma forte relação entre comportamento financeiro (hábitos de consumo) e conhecimento financeiro, ou seja, conforme as pessoas tornam-se mais alfabetizadas, elas assumem um comportamento mais positivo diante do mercado financeiro, buscando novas informações para que possam acertar nas suas decisões finais. De acordo com Anderloni e Vandone (2010), a alfabetização financeira tem como função aumentar a compreensão dos indivíduos em relação aos produtos financeiros, tornando-os mais capacitados para a tomada de decisões. Uma das principais dificuldades do indivíduo é planejar adequadamente suas ações de longo prazo. Clark *et al* colaboradores (2006) apontam em seus estudos que os indivíduos são os responsáveis pela sua renda na aposentadoria e, para que sejam bem dimensionados os impactos das decisões financeiras, é necessário que ocorra um bom nível de conhecimento financeiro. Os autores acrescentam ainda que a ausência de conhecimento financeiro pode trazer consequências negativas como: o adiamento da formação da poupança previdenciária; dificuldades para que sejam tomadas decisões acertadas de investimento,

consumo e poupança; e insegurança em relação ao risco e ao retorno dos produtos de investimento.

Devido à necessidade de manter um padrão de consumo constante por toda a vida, a maioria dos indivíduos busca manter números positivos de poupança enquanto estão ativos no mercado, e tendem a reduzir tal preocupação no período de aposentadoria (MODIGLIANI,1986). Atkinson e Messy (2012), comentam que fatores comportamentais, como planejamento orçamentário, são responsáveis pelo bom desempenho financeiro traçado pelo indivíduo, vindo a influenciá-lo em seus diferentes estágios de vida. No caso dos idosos, público alvo da presente pesquisa, o comportamento financeiro deles tende a apresentar nuances específicas, tal como apresentação na subseção a seguir.

2.3. Falta de planejamento para aposentadoria

De acordo com Modigliani (1986), poupar para a aposentadoria é uma iniciativa que parte do indivíduo, com o intuito de manter um satisfatório padrão durante o ciclo da vida. Por essa razão, as pessoas optam por preservar uma parcela de consumo durante a vida economicamente ativa, objetivando adquirir uma poupança que permita um determinado padrão de consumo durante a velhice. Em consequência disso, o valor acumulado na poupança será utilizado como renda complementar à aposentadoria.

Em seus estudos, Ashforth (2001) analisa os papéis desempenhados pelas pessoas na sociedade – pai/mãe, marido/mulher, trabalhador (a), aposentado (a) – e a forma como elas transitam entre esses. A transição dos papéis ocorre quando há uma mudança entre dois papéis na mesma época (micro) ou em diferentes períodos na vida (macro). De acordo com Ashforth (2001), as decisões relacionadas à aposentadoria representam uma transição de teor macro, através da qual o trabalhador se retira de um papel para ingressar em outro.

Para alguns trabalhadores, o trabalho relaciona-se diretamente com a sua identidade, podendo a aposentadoria ser entendida ou não como o fim do trabalho (ASHFORTH, 2001). Há um grupo representado por indivíduos aposentados que preferem mudar o estilo de vida, engajando-se em trabalhos de cunho social ou simplesmente dedicando o tempo livre à família, amigos e momentos de lazer (ELDER; JOHNSON, 2003).

Em uma pesquisa realizada com 320 organizações brasileiras, apenas 18% adotavam o Programa de Preparação para a Aposentadoria, apesar de seus gestores reconhecerem que a implantação de tal programa seria relevante para os trabalhadores (FRANÇA, 2008).

Devido à falta de um planejamento adequado, a transição para a fase da aposentadoria pode ser um processo nutrido por grande ansiedade, já que as pessoas não sabem como usufruir melhor do tempo nessa nova fase da vida (BOSSÉ; LEVENSON; DANIELS, 1991). A fim de que esse processo de transição entre o trabalho e a aposentadoria possa ser realizada de forma mais natural, seria fundamental a implantação de programas de preparação para a aposentadoria nas organizações, com vistas ao futuro do trabalhador (FRANÇA, 2002). Assim, nota-se que ainda há um amplo campo de pesquisas que podem ser conduzidas junto a esse público.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de alcançar o objetivo de pesquisa proposto, foi conduzida uma investigação de caráter predominantemente quantitativo, do tipo descritiva. Para tanto, foi utilizado um questionário adaptado (POTRICH, VIEIRA, KIRCH, 2014) contendo 37 questões. O questionário foi aplicado, juntamente ao público de idosos na capital irlandesa, Dublin. A coleta de dados foi feita por onze jovens intercambistas brasileiros em dois locais: na região central da cidade e nos entornos de uma área considerada suburbana, região de grande distância do centro, sendo ela reconhecida como uma área nobre da cidade.

A amostra não aleatória, selecionada pelo critério de acessibilidade, constitui-se de 110 idosos irlandeses que transitavam pelas duas regiões nos momentos da coleta. Cada idoso foi informado em relação aos objetivos da pesquisa e, posteriormente, o estudante fazia a leitura de cada pergunta e suas respectivas opções de resposta, para que uma delas fosse escolhida pelo respondente. Ao final, cada sujeito respondeu às 37 questões, optando por uma, dentre as 4 ou 5 opções de resposta.

Para a análise dos dados, utilizou-se da mesma linha de pesquisa adotada por outros pesquisadores do tema, como Atkinson e Messy (2012). Nesse sentido, a temática da alfabetização financeira foi avaliada a partir dos fatores “conhecimento financeiro”, “atitude financeira” e “comportamento financeiro”. A maioria dos estudos conduzidos nessa área foram voltados para jovens universitários e para a população economicamente ativa. No presente estudo, buscou-se descrever e analisar acerca da alfabetização financeira dos idosos, buscando compreender algumas de suas peculiaridades.

O primeiro bloco, composto pelas 7 primeiras questões, objetivou identificar os aspectos socioeconômicos dos entrevistados e incluem variáveis que são frequentemente

mencionadas em estudos sobre alfabetização financeira, como: gênero, idade, estado civil, renda, nacionalidade, etnia e profissão.

O segundo bloco, com 9 questões, pauta sobre atitude financeira para avaliar de que forma os respondentes agem no que se refere a questões simples no dia a dia. As respostas variam numa escala proposta por Shockey (2002), numa gradação do tipo *likert*: 1 (nunca), 2 (quase nunca), 3 (às vezes), 4 (quase sempre) a 5 (sempre). Complementando o questionário, o terceiro bloco, composto pelas questões de 10 a 29, busca apontar a noção que os indivíduos possuem sobre finanças e como direcionam o comportamento em situações cotidianas não-complexas. As respostas se baseiam em estrutura similar às do bloco anterior e denotam sobre a percepção de alfabetização financeira desses indivíduos, visto que são abordadas questões que envolvem conhecimento e prática em relação às variáveis financeiras abordadas.

A apresentação e análise dos resultados auferidos são expostas na seção seguinte.

4. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

A amostra total foi composta por 110 pessoas, somando-se os dados coletados nas regiões central e de bairro da cidade. Sendo que: 55,5% são homens, 45,5% são mulheres, e todos estão na faixa etária superior a 60 anos. Do total, 87,2% são indivíduos de raça branca e 95,2% de ascendência europeia e 42,6% relataram renda mensal inferior a três mil euros. Quanto à ocupação, a maioria dos respondentes afirmaram ser autônomos.

A região central da cidade onde foi realizada a pesquisa apresenta um público mais heterogêneo, visto que está situada próxima a uma localização considerada de grande circulação, com maior presença de estudantes, imigrantes fixos e pessoas que decidem morar no país por alguns meses do ano para trabalho temporário. Nesse ponto, os dados coletados revelaram que a maioria da população local abordada é composta por homens (58,7%); o estado civil assinalado com mais frequência foi o “outros” (36,5%) – diferente de solteiro, casado ou divorciado; a maior parte dos idosos informaram ter três (28,6%) ou quatro (28,6%) dependentes em suas residências; é predominante a ascendência europeia (65,1%); a profissão mais destacada foi a de trabalhador autônomo (33,3%) e o nível de renda mais comum identificado na pesquisa para essa região foi inferior a 3 mil euros.

O bairro também apresentou uma composição majoritariamente masculina (51,1%); o estado civil mais assinalado foi o “outros” (55,3%), apresentando um percentual bem maior que o da região central; a maioria dos respondentes afirmou residir com 2 dependentes (36,2%); a

ascendência europeia (95,7%) também foi predominante no bairro, porém, com um percentual significativamente maior que no centro, possivelmente devido às características mais homogêneas da localidade; quanto à profissão, os autônomos (27,7%) são maioria e a faixa de renda mais comum dessa população específica é inferior a 3 mil euros (42,6%), porém nota-se que no bairro há um percentual maior de pessoas (19,1%) inseridas no nível mais alto de renda (6001 a 9 mil euros) do que na população respondente do centro o percentual é de 7,9%.

Para melhor visualização e análise dos dados, as questões do bloco atitude financeira (vide tabela I), que demonstram as opções adotadas pelos respondentes para questões cotidianas, tiveram suas respostas agrupadas. Aquelas marcadas como “nunca” e “quase nunca” foram reunidas como *graus 1 e 2*; “às vezes” foi compilada como *grau 3*; e as repostas “quase sempre” e “sempre” foram agrupadas como *graus 4 e 5*. Além disso, foi calculada a média estatística das respostas.

Os resultados referentes ao primeiro fator de análise, atitude financeira, podem ser visualizados na tabela 1.

Tabela I - Atitude Financeira

Fator	Variáveis	Bairro				Centro			
		Graus 1 e 2	Grau 3	Graus 3 e 4	Média	Graus 1 e 2	Grau 3	Graus 3 e 4	Média
Atitude Financeira	1. É importante controlar as despesas mensais.	0,0%	19,1%	80,9%	4,170	0,0%	36,5%	63,5%	3,952
	2. É importante ter estabilidade financeira para o futuro.	0,0%	14,9%	85,1%	4,426	0,0%	9,5%	90,5%	4,556
	3. É importante guardar dinheiro para as despesas mensais básicas.	0,0%	0,0%	100,0%	4,936	3,2%	6,3%	90,5%	4,571
	4. A forma como administro o dinheiro hoje pode afetar o futuro.	0,0%	2,1%	97,9%	4,766	7,9%	11,1%	81,0%	4,397
	5. É importante ter e seguir um planejamento mensal de despesas.	0,0%	10,6%	89,4%	4,064	12,7%	19,0%	68,3%	3,603
	6. É importante pagar o valor total da fatura do cartão.	0,0%	0,0%	100,0%	5,000	0,0%	0,0%	100,0%	4,889
	7. Quando for comprar parcelado, é importante comparar as ofertas de crédito.	0,0%	0,0%	100,0%	4,957	0,0%	3,2%	96,8%	4,762
	8. É importante ficar dentro do orçamento.	0,0%	2,1%	97,9%	4,809	1,6%	7,9%	90,5%	4,651
	9. É importante investir em ativos de longo prazo.	0,0%	2,1%	97,9%	4,255	6,4%	6,3%	87,3%	4,000

Fonte: Elaborada pela autora

Neste eixo, nos dados analisados na pesquisa realizada no bairro, identificou-se que a maioria significativa dos idosos reconhece a importância de um bom planejamento financeiro, a fim de se evitar a perda de controle e o endividamento. As médias calculadas em relação às respostas tiveram baixa variação. Isso significa que para a maioria do público em questão as atitudes manifestas se mostraram favoráveis a uma adequada educação financeira, permitindo

inferir que alguns dos conceitos de educação financeira se mostram relevantemente presentes na vida desses idosos.

Nos dados obtidos no centro, verificou-se que, embora os mesmos também se mostrem como majoritariamente com atitude favorável a uma boa alfabetização financeira, as médias estatísticas das respostas apresentaram maior variação – entre 3,603 e 4,889. Chama a atenção o fato de que para 12,7% dos entrevistados não é tão importante seguir um planejamento mensal.

Comparando as respostas referentes às questões sobre atitude financeira dos idosos entrevistados na capital irlandesa, percebe-se que, de forma geral, aqueles que moram nas imediações do bairro onde foi feita a pesquisa apresentaram uma média estatística maior do que a dos entrevistados abordados próximos a região central. Com isso, parte-se da interpretação de que aqueles sujeitos da estratificação social de renda mais elevada possuem maior tendência a ter uma atitude financeira mais favorável ao controle dos gastos, o que reforça o argumento da influência das condições socioeconômicas sobre tais atitudes.

Analisando as variáveis relacionadas ao fator comportamento financeiro, pode-se compreender melhor como os idosos aplicam na prática os conceitos de educação financeira, ou seja, essas respostas denotam acerca da percepção sobre alfabetização financeira desse público. Esse fator foi subdividido em quatro subfatores, os quais são analisados separadamente ao longo desta seção.

Em relação às respostas referentes à Gestão Financeira (tabela II) praticada pelos respondentes, isto é, os mecanismos adotados para realização do controle do dinheiro, notou-se a presença de preocupação dos indivíduos em quitar a fatura do cartão de crédito em dia: 100% dos indivíduos do bairro (maior média desse bloco de perguntas) e 95% do centro afirmaram realizar o pagamento em dia sempre ou quase sempre. No bairro, foram bastante positivas também as respostas relacionadas a preocupação com a forma de administração presente do dinheiro, sobre o plano mensal de despesas e pagamento das contas em dia. Para essas variáveis, os percentuais foram superiores a 95%, ou seja, as pessoas em questão relataram sempre ou quase sempre se comportarem positivamente.

Tabela II - Comportamento financeiro

Fator	Variáveis	Bairro				Centro			
		Graus 1 e 2	Grau 3	Graus 3 e 4	Média	Graus 1 e 2	Grau 3	9	Média
Gestão Financeira	10. Eu sempre pago meu cartão de crédito em dia para evitar taxas extras.	0,0%	0,0%	100,0%	5,000	7,9%	1,6%	90,5%	4,635
	11. Eu me preocupo com a melhor forma de administrar o dinheiro.	0,0%	2,100	97,900	4,383	4,8%	3,2%	92,0%	4,302
	12. Anoto e controlo meus gastos pessoais (Ex: planilha de receitas e despesas).	10,6%	4,3%	85,1%	4,064	20,9%	9,5%	69,6%	3,444
	13. Eu acredito que a maneira como eu administro meu dinheiro hoje vai afetar no futuro.	4,2%	0,0%	95,8%	4,383	6,4%	6,3%	87,3%	4,222
	14. Eu sigo um planejamento semanal/mensal de despesas.	0,0%	4,3%	95,7%	4,426	19,0%	14,3%	66,7%	3,730
	15. Eu fico mais de um mês sem ter dinheiro para as despesas.	83,0%	10,6%	6,4%	1,702	77,8%	11,1%	11,1%	1,968
	16. Eu estou satisfeito com a forma como controlo minhas finanças.	31,9%	27,7%	40,4%	3,170	69,9%	9,5%	20,6%	2,175
	17. Eu pago minhas contas em dia.	0,0%	2,1%	97,9%	4,809	1,6%	7,9%	90,5%	4,651

Fonte: Elaborado pela autora

Percebe-se, a partir dos números apurados, que idosos do centro apresentam menor gestão financeira do que aqueles que transitavam no bairro: houve uma diferença significativa que indica que número menor de respondentes do centro controla as suas despesas pessoais e também menor quantidade deles seguem um planejamento financeiro mensal. Para essas duas variáveis, a média estatística foi menor que na amostra do bairro. Apreende-se então que para esses dois comportamentos há um número maior de indivíduos que nunca ou quase nunca adotam práticas financeiras satisfatórias.

Além disso, chama atenção o fato de que um número maior de respondentes do centro (11,1%) fica mais de um mês sem ter dinheiro para as despesas, sendo apenas 6,4% dos respondentes do bairro. Sendo a renda mensal dos respondentes do centro menor do que os dos respondentes do bairro, infere-se que aqueles com menor renda são também aqueles que mais se endividam.

Na tabela III, foram compiladas as respostas referentes à Utilização do Crédito, ou seja, uma avaliação prévia realizada pelos consumidores diante de opções de parcelamento. Uma fração significativa dos respondentes afirmou utilizar o cartão de crédito como alternativa quando não se tem dinheiro no ato da compra. Sendo que, para os pesquisados da região do bairro, a escolha por esse tipo de forma de pagamento foi mais comum. Além disso, mais de 20% dos indivíduos das duas áreas pesquisadas relataram não conferir possíveis erros e débitos nas faturas mensais do cartão de crédito. Esse comportamento pode implicar em aumento do endividamento, pelo fato do grupo familiar não seguir o orçamento mensal proposto.

Tabela III - Comportamento financeiro

Fator	Variáveis	Bairro				Centro			
		Graus 1 e 2	Grau 3	Graus 3 e 4	Média	Graus 1 e 2	Grau 3	Graus 3 e 4	Média
Utilização de Crédito	18. Eu consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto no crédito.	17,0%	25,6%	57,4%	3,511	22,2%	27,0%	50,8%	3,286
	19. Eu uso cartão de crédito quando não tenho dinheiro para as despesas.	25,5%	19,1%	55,4%	3,277	34,9%	33,3%	31,8%	2,937
	20. Quando eu compro parcelado, eu comparo as opções de crédito.	14,9%	17,0%	68,1%	3,766	12,7%	31,7%	55,6%	3,556
	21. Eu uso mais que 10% dos meus ganhos para pagar cartão de crédito(Exceto financiamento de carro).	8,5%	21,3%	70,2%	3,787	12,6%	20,6%	66,8%	3,667
	22. Eu checo minha fatura de cartão para identificar possíveis erros e débitos.	21,9%	25,5%	52,6%	3,383	23,8%	36,5%	39,7%	3,222

Fonte: Elaborada pela autora

Percebe-se, numa análise geral dessa base de dados, que as médias estatísticas das respostas (entre 2,937 e 3,787) foram menores que a dos demais comportamentos verificados na pesquisa, tanto nas porções de amostra do centro quanto do bairro. Portanto, os números revelam que quando se trata de crédito e parcelamento, os indivíduos demonstram menos conhecimento ou preocupação em escolher as melhores alternativas, tendo em vista fazer melhores aquisições economizando dinheiro.

Na tabela IV, o comportamento apurado foi Investimento e Poupança.

Tabela IV - Comportamento financeiro

Fator	Variáveis	Bairro				Centro			
		Graus 1 e 2	Grau 3	Graus 3 e 4	Média	Graus 1 e 2	Grau 3	Graus 3 e 4	Média
Investimento e poupança	23. Eu poupo dinheiro mensalmente.	14,9%	17,0%	68,1%	3,851	25,4%	19,0%	55,6%	3,365
	24. Eu poupo para comprar coisas mais caras. (Ex: carro).	2,1%	15,7%	82,2%	4,404	8,0%	4,8%	87,2%	4,349
	25. Eu tenho uma reserva financeira de pelo menos três vezes minha renda mensal para utilizar em momentos inesperados. (Ex: desemprego)	21,3%	36,2%	42,5%	3,340	30,1%	33,3%	36,6%	2,968

Fonte: Elaborada pela autora

Para as variáveis em questão, os resultados apresentaram valores percentuais próximos no bairro e no centro. Percebe-se que a maioria dos pesquisados das duas regiões afirmaram poupar mensalmente (inclusive para adquirir bens mais caros), porém, destaca-se fato de boa parte dos indivíduos não dispor de uma reserva satisfatória para situações inesperadas – como desemprego ou até gastos mais altos com a saúde, por exemplo. Possivelmente, existem falhas na forma como concebem a importância da poupança e da sua inclusão efetiva no orçamento mensal.

A tabela V reúne questões que pautam sobre o Consumo Planejado, no que tange a pesquisas de preço e poder de compra.

Tabela V - Comportamento financeiro

Fator	Variáveis	Bairro				Centro			
		Graus 1 e 2	Grau 3	Graus 3 e 4	Média	Graus 1 e 2	Grau 3	Graus 3 e 4	Média
Consumo Planejado	26. Eu comparo preços quando estou comprando algo.	10,6%	25,5%	63,9%	3,809	7,9%	31,7%	60,4%	3,730
	27. Eu analiso minha situação financeira antes de fazer uma compra grande.	10,7%	12,8%	76,5%	4,106	3,2%	11,1%	85,7%	4,270
	28. Eu compro por impulso.	31,9%	19,1%	49,0%	3,128	30,1%	39,7%	30,2%	3,000
	29. Eu prefiro comprar um produto financeiro para poupar dinheiro para posteriormente comprar à vista.	31,9%	31,9%	36,2%	2,957	39,7%	33,3%	27,0%	2,794

Fonte: Elaborada pela autora

Analisando as respostas desse grupo da pesquisa, percebe-se que a maioria dos idosos do centro e bairro preocupam-se em pesquisar preços antes comprar. Um ponto que chama atenção nesse grupo de questões é que mais de 30% dos idosos dos dois locais pesquisados relataram comprar por impulso. Certamente, essa atitude provoca desequilíbrio financeiro no orçamento.

Além disso, é notório o desconhecimento dos indivíduos no que se refere à aquisição de produtos financeiros que não seja a tradicional caderneta de poupança. Para essa variável, foram observadas médias inferiores a 3 para as duas regiões, todavia, os números da pesquisa do bairro foram mais satisfatórios, provavelmente em razão das melhores condições financeiras dos respondentes.

Apresentadas as análises referentes à pesquisa empírica conduzida, parte-se para as considerações finais de estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos tempos, com os avanços da internet e a interdependência entre os países, faz-se cada vez mais necessário que os indivíduos estejam mais capacitados para tomar decisões no que tange a vida financeira. Um bom nível de alfabetização financeira é decisivo no processo de acumulação de bens, bem como pode garantir tranquilidade no período da aposentadoria e manutenção do padrão de vida similar ao praticado na vida economicamente ativa.

Considerando a importância dessa temática, neste estudo buscou-se descrever e analisar o comportamento dos idosos, visto que a maioria dos estudos são voltados para populações mais jovens. Para realizar essa avaliação, foram considerados os fatores de “atitude”,

“conhecimento” e “comportamento financeiro”, a fim de compreender a percepção desses indivíduos sobre os aspectos da alfabetização financeira.

A apuração dos dados apontou que os idosos irlandeses apresentam atitude e comportamento financeiro satisfatório, embora seja inferior aos resultados apresentados em diversos estudos envolvendo uma amostra de população mais jovem. Num âmbito geral, a medida que as questões do campo do comportamento financeiro foram se tornando mais específicas, percebeu-se que os resultados foram relevantemente apresentando-se como menos satisfatórios. Observou-se que os indivíduos analisados apresentam falta de conhecimento acerca dos produtos financeiros, investimentos a longo prazo, opções de crédito e poupança. Esse resultado pode ajudar a explicar porque tantos idosos não conseguem continuar tendo o mesmo padrão de vida depois que deixam de trabalhar. Além disso, nessa fase da vida, refletem-se as escolhas realizadas pelos indivíduos enquanto ativos no mercado. E muitos deles, devido às escolhas ruins anteriores, acabam não tendo um plano de aposentadoria satisfatório e precisam continuar trabalhando.

Em acréscimo, idosos costumam ser mais susceptíveis a sofrer golpes financeiros e até de instituições que agem de má fé, por saberem da vulnerabilidade dos indivíduos nessa etapa da vida. O baixo nível de alfabetização financeira favorece que essas situações aconteçam de forma frequente na vida dessas pessoas.

Um importante achado dessa pesquisa foi que as duas amostras coletadas apresentaram relevantes diferenças entre si, nos níveis dos resultados. Em praticamente todos os pontos analisados, os idosos abordados no bairro (região nobre, de público mais homogêneo e de maior poder aquisitivo) apresentaram maiores níveis de alfabetização financeira do que os abordados no centro (público mais heterogêneo e com média de renda mensal menor). Com isso, percebeu-se que aqueles de menor renda, os que justamente demandariam maior controle de seus gastos, são aqueles que apresentam maiores dificuldades nestes aspectos.

Os resultados apurados nesta pesquisa não são passíveis de generalização, todavia, podem se constituir como um pontapé inicial para novos estudos, buscando compreender melhor as decisões tomadas pelo público com mais de 60 anos, de que forma essas decisões impactam na economia e no aprendizado da população mais jovem. Além disso, para o caso de uma nova pesquisa na Irlanda ou em outros países, pode ser interessante envolver uma amostra maior para que, com dados mais volumosos, sejam feitos cruzamentos estatísticos mais sofisticados, a fim de identificar de que forma as variáveis demográficas interferem na alfabetização financeira do indivíduo. Além disso, novas pesquisas que sejam de cunho

qualitativo também poderiam ser conduzidas, a fim de se compreender de forma mais aprofundada as nuances e especificidades dos sujeitos de pesquisa em questão.

Como principal conclusão, apreende-se a partir dessa pesquisa que há necessidade de investimentos por parte do governo e demais órgãos competentes para melhorar os níveis de alfabetização financeira da população idosa – mas que não precisa se restringir apenas a ela. Ampliando-se as formas de capacitação financeira, desde a escola, torna-se possível que a vida futura esteja pautada em melhores decisões e planejamentos financeiros, possibilitando melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

AGARWAL, S.; DRISCOLL, J.; GABAIX, X.; LAIBSON, D. **The age of reason:** financial decisions over the lifecycle with implications for regulation. *Brookings Papers on Economic Activity* Fall, v.2, n .15, p. 51–101, 2009.

ANDERLONI, L.; VANDONE, D. Risk of overindebtedness and behavioral factors. In: **Social Science Research Network**. 2010. Disponível em: <<http://papers.ssrn.com/sol3/results.cfm?npage=2&>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

ASHFOTRTH, B. **Role transitions in organizational life:** An id based perspective. Mahwah,NJ: Erlbaum, 2001.

ATKINSON, A.; MESSY, F. **Measuring financial literacy:** results of the OEC International Network on Financial Education (INFE) pilot study, 2012.

BOSSÉ, R.; Aldwin, C.M.; LEVENSON, M.R. ;WORKMAN-Daniels, K. . **How stressful is retirement? Findings form the Normative Aging Study.** *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, v.46, n.1,p. 9-14, 1991.

BODIE, Z.; Merton, R. C. **Finanças.** São Paulo: Bookman, 2002.

BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. **Financial literacy:** an overview of practice, research, and policy. *Federal Reserve Bulletin*, nov. 2002.

CHEN, H.; VOLPE, R. P. An analysis of personal financial literacy among college students. **Financial Services Review**, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.

CLARK, R.L. **The economics of an aging society**. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers Ltd, 2004.

D'AQUINO, C. **Educação financeira: como educar seu filho**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DOMINGOS, R. **Terapia financeira: a educação financeira como método para realizar seus sonhos**. São Paulo: Gente, 2003.

EDWARDS, R.; Allen, M. W.; Hayhoe, C. R. Financial attitudes and family communication about students' finances: The role of sex differences. **Communication Reports**, v.3, n.2, p.90-100, 2007.

FRANÇA, L. H.; LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. **Financial literacy and retirement preparedness: evidence and implications for Financial Education Programs**. Pension Research Council Working Paper, 2007.

MODIGLIANI, Franco. Life Cycle. **Individual Thrift and the Wealth of Nations**, 1986.

HOLZMANN, R.; MIRALLES, M. P. The role, limits of, and alternatives to financial education in support of retirement saving in the OECD, Eastern Europe and beyond. **The World Bank**, Oct. 2005. Disponível em: <http://info.worldbank.org/etools/library/view_p.asp?205715>. Acesso em: maio 2016

HUSTON, S. J. Measuring financial literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010.

KIYOSAKI, R. T. **Pai rico pai pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000

KIYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. L. **Independência financeira: o guia do pai rico**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement preparedness: evidence and implications for Financial Education Programs. **Pension Research Council Working Paper**. Jan. 2007.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO ECONÔMICA E DESENVOLVIMENTO (OECD). **Improving financial literacy: analysis of issues and policies**, 2015.

Disponível em: <ftp://ftp.fsb.co.za/public/Consumer%20Education/Presentations/2009%20Improving_Financial_Literacy.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2016.

POTRICH, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2014). Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira. **Anais do Encontro Brasileiro de Economia e Finanças Comportamentais**, São Paulo, SP, Brasil, 01.

ROGERS, P.; SECURATO, J. R.; RIBEIRO, K. C. S. Finanças comportamentais no Brasil: um estudo comparativo. **Revista de Economia e Administração**, v. 6, n. 1, p. 49-68, 2007

SHOCKEY, S. S. **Low-wealth adults financial literacy**. Management behavior and associates factors, including critical thinking. Tese, Universidade de Utah, Estados Unidos, 2002.

WEINSTEIN, N. D. (1980). Unrealistic optimism about future life events. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.5, n.1, p. 806-820,1980.